

(FAZER) MORRER NO TRÂNSITO SOB AS LENTES DO DISCURSO: ANÁLISE DISCURSIVO-FOUCAULTIANA ACERCA DE UMA CAMPANHA PUBLICITÁRIA DO DETRAN

(DO) DIE IN TRANSIT UNDER THE DISCURSIVE LENSES: DISCURSIVE-FOUCAULTIAN ANALYSIS ABOUT A DETRAN ADVERTISING CAMPAING

Éderson Luís Silveira¹
Dalexon Sérgio da Silva²

Recebimento do texto: 16/03/2021

Data de aceite: 12/04/2021

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo pautado em uma discussão teórico-metodológica acerca da análise de um vídeo disponibilizado no Youtube visando somar-se a contribuições que estão associadas a reflexões analítico-conceptuais no campo das Ciências Humanas. O recorte teórico se dá a partir da contribuição dos estudos de Michel Foucault no âmbito dos Estudos da Linguagem. Em termos teóricos e metodológicos se tornou necessário mencionar formas e condições históricas de aparecimento a fim de que se torne possível pensar, sob a ótica elencada, a mobilização do conteúdo digital na internet. Dessa forma, o espaço digital *Youtube.com* é o campo e, ao mesmo tempo, objeto de nossas análises a partir de uma especificidade, relacionando-nos discursivamente com efeitos de discursivização acerca da prevenção de acidentes no trânsito a partir de uma escolha léxico-imagética que implica em regularidades, singularidades e exclusões no que diz respeito à instauração de modos de enunciar sobre óbitos no trânsito na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Análise enunciativa. Discurso. Mortes no trânsito.

ABSTRACT: This paper presents a study based on a theoretical-methodological discussion about the analysis of a video made available on Youtube in order to add to contributions that are associated with analytical-conceptual reflections in the field of Human Sciences. The theoretical cutout takes place from the contribution of Michel Foucault's studies in the field of Language Studies. In theoretical and methodological terms it became necessary to mention historical forms and conditions of appearance in order to make it possible to think, from the perspective, the mobilization of digital content on the Internet. Thus, the digital space *Youtube.com* is the field and, at the same time, the object of our analyses from a specificity, discursively relating to the effects of discursivization about the prevention of traffic accidents from a choice lexical-imaging that implies regularities, singularities and exclusions with regard to the establishment of ways of enunciating about deaths in traffic in contemporaneity.

KEYWORDS: Enunciative analysis. Discourse. Traffic deaths.

1 Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: ediliteratus@gmail.com

2 Pós-doutorando e Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em programa de Doutorado-sanduiche na Universidade de Lisboa/Universidade Aberta de Lisboa – Portugal. E-mail: dalexon@uol.com.br

Introdução

A subjetividade é um conceito desenvolvido por muitos pensadores, filósofos, sociólogos, psicanalistas, entre outros investigadores no campo das Ciências Humanas desde tempos remotos. É a partir de um determinado pensador que pretendemos operacionalizar formas de olhar para este conceito a partir de um deslocamento: não falaremos de subjetividade, mas de modos de subjetivação. Seus estudos permitiram lançar luzes a formas teórico-analíticas de operar no campo das práticas sobre a realidade que nos cerca e não a partir da oposição entre agir e fazer, sugerindo a necessidade de haver um distanciamento cada vez menor entre o que se diz e o que se faz. Seu nome é Michel Foucault.

Nascido em Poitiers em 1926, no interior da França, obteve seu diploma de Psicologia em 1952. Trabalhou em um hospital psiquiátrico e lecionou em diversos lugares como na Universidade de Uppsala, na Suécia, e no *Collège de France*, em Paris (eleito em 1970 para a cadeira de História dos Sistemas de Pensamento), por exemplo. Mais do que estudar sistemas de pensamento o que Foucault faz é analisar “regimes de práticas”

No verbete acerca desse pensador elaborado por John Lechte é afirmado que “o fato é que o presente está sempre em transformação significa que o passado deve ser constantemente reavaliado; escrever uma história do passado é vê-lo como novo” (LECHTE, 2002, p. 130). Daí a necessidade de ter cautela com o uso de termos como “contemporaneidade”. Sobre isso, Agamben (2009) nos socorre ao lembrar que o contemporâneo tem a natureza de algo que não cessa de se inscrever. Assim, ser contemporâneo é muito mais uma forma de olhar a partir de um ponto do qual se observa, situar-se no “hoje” é perceber que mesmo no instante em que se fala no decorrer dos minutos, segundos, milésimos de segundo, o instante se esvai e adentra os meandros do passado a cada instante.

Como contemporâneos, portanto, situamos aqueles que vivem no século XXI (que teve início em 2001 e vai até o ano 2100). Mais especificamente, situamos esta pesquisa no instante em que está sendo redigida, no ano de 2019, em alusão a um objeto de análise que entrou em circulação em novembro de 2018 em uma plataforma virtual de hospedagem de arquivos audiovisuais. Mas, ainda assim, o que nos é contemporâneo não o será para aqueles que tiverem este texto

em mãos anos adiante deste em que nos situamos³. É a capacidade de se fazer contemporâneo ao nosso tempo que move as proposições do presente trabalho, portanto.

Havendo situado isso cabe, então, que algumas informações sejam apresentadas no sentido de endossar a importância do texto em questão: O Portal de trânsito⁴ informa que só em 2019 seis mil crianças e adolescentes foram vítimas de acidentes no trânsito somente no primeiro semestre do ano em questão. É mencionado, ainda, que os dois fatores mais agravantes, que tiveram aparição em tais casos, foram: o excesso de velocidade e a falta de uso de sistemas de retenção (cadeirinhas e assentos, no caso de acidentes envolvendo crianças). Também é informado que, num intervalo de dez anos, em dados comparativos, o Brasil matou mais indivíduos que a Guerra da Síria. Além disso, o Brasil tem 18 indenizações por morte a cada 100 mil habitantes.

Também é mencionado no site em questão que os dados mais recentes do Ministério da Saúde em relação ao tema mostram que, em 2017, 35.374 pessoas morreram no trânsito brasileiro. No ano de 2016 haviam sido registradas 37345 mortes. Apesar de mostrar uma queda de 6% de um ano para o outro os dados continuam sendo alarmantes. É importante assinalar que há uma meta estabelecida pela Organização das Nações Unidas que prevê a necessidade de uma redução de pelo menos 50% no número de óbitos em uma década, considerados a partir de 2011.

Dessa forma, o objetivo deste texto é oferecer elementos de compreensão de vídeos veiculados na plataforma digital Youtube a fim de apresentar implicações teórico-analíticas advindas de uma especificidade: a teoria do discurso a partir dos pressupostos de Michel Foucault. No caso em questão o vídeo analisado será uma propaganda organizada pelo Detran do Paraná cuja veiculação foi disponibilizada em novembro de 2018 no site da referida instituição bem como na plataforma virtual Youtube.

3 Para compreensão mais aprofundada do conceito de contemporâneo sugerimos a consulta da obra de Agamben (2009) que retoma uma lição inaugural do curso de Filosofia Teorética ministrado entre 2006-2007 junto à Faculdade de Arte e Design do Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza-IUAV.

4 No site oficial é informado que “[o] Portal do Trânsito é um canal de comunicação especialmente desenvolvido pela Tecnodata Educacional para depurar, aglutinar e interpretar diariamente as principais informações do trânsito brasileiro” (PORTAL DO TRÂNSITO, 2019, s. p.).

Situando teoricamente

“Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (FOUCAULT, 2007, p. 8). Este questionamento foi proferido na aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970, intitulada *A Ordem do Discurso* (FOUCAULT, 2007). Isso porque o filósofo em questão estudou formas pelas quais os discursos se entrelaçam a poderes e acarretam efeitos de verdade. O conceito de discurso, então, se apresenta como uma fértil instância teórico-analítica de implicações metodológicas importantes. Ao pensar tal base conceptual no que diz respeito aos modos de subjetivação isso implica em analisar e problematizar um percurso entre outros acerca de como se constitui discursivamente o vídeo elencado para análise de forma a perceber regularidades, distinções e sustentação dos discursos que procedem em cadeia e produzem efeitos nos interlocutores, expectadores, ouvintes, instaurando-se como efeitos de verdade.

Anteriormente mencionamos que não se falaria de subjetividade, mas em formas ou modos de subjetivação. Isso porque em Foucault não se fala em subjetividade, mas em subjetivação, em alusão ao processo pelo qual se obtém a constituição dos sujeitos ou da subjetividade. Conforme as palavras de Judith Revel:

Os “modos de subjetivação” ou “processos de subjetivação” do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos – o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação -; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência (REVEL, 2005, p. 82).

Além de modos de subjetivação é importante mencionar que há sempre uma rede de discursos através da qual são produzidos efeitos de verdade. Ainda que tal rede contenha discursos diversos passíveis de heterogeneidade, tal filiação

de enunciados permite averiguar a singularidade de formas de enunciar. Por isso todo ato de dizer é único ainda que esteja filiado a outros dizeres, atravessado por nuances enunciativas que o antepõem e relacionado mesmo a um percurso de exclusões do que pode ou não ser dito no âmbito de determinada instância.

Vale destacar que a exclusão é constitutiva de todo dizer porque, ao enunciar algo, deixa-se de dizer de outro modo ou a mesma coisa, só que com modos diferentes de enunciar. Por isso se fala em efeitos e não em significado, porque cada dizer está atravessado e produz inúmeros sentidos além e aquém daquele que o emitiu. Subjetivação em Foucault, portanto, não está associada à ideia de um indivíduo soberano ou “fonte” dos sentidos dos enunciados que profere. Isso porque sempre vai haver algum sentido que a ele escape e ainda assim pode ser mobilizado porque somos sujeitos situados histórica, cultural e socialmente e disso não conseguimos nos desprender ainda que haja formas e modos distintos de dizer e fazer no âmbito de cada conjuntura historicamente dada. É então assim, munidos de tal arcabouço teórico que propusemos a análise realizada tomando o exemplo de um texto midiático para pensar inter-relações entre regimes de discursividades e produções de efeito de verdade e de subjetividade na contemporaneidade.

Para analisar o vídeo da campanha do Detran do Paraná levaremos em consideração a existência de uma rede de discursos que produzem efeitos de verdade ao constituir a ideia de prevenção de acidentes nos tempos hodiernos. Assim como Maria do Rosário Gregolin (2016) anteviu, a partir da *Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 2008) trata-se de produzir, nos termos da análise arqueológica, uma função enunciativa, que considera quatro elementos do funcionamento discursivo: 1. Um referencial como campo de emergência, definidor de possibilidades de aparição dos enunciados; 2. Uma determinada posição-sujeito cuja perspectiva constrói os sentidos do enunciado; 3. Um domínio associado, já que enunciados se ligam uns aos outros retomando ideias ou se reatualizando e 4. Uma existência material já que os enunciados se materializam através da linguagem verbal ou não verbal.

Gestos teórico-analíticos

Toda produção midiática elabora, faz circular discursos produzindo assim enunciabilidade e redes de sentido. Essas redes não são aleatórias, pois precisam estar inscritas na materialidade para se tornarem possíveis. Vale lembrar que quando se diz que muitos sentidos são viáveis para um texto não se está afirmando que qualquer sentido é cabível se não estiver inscrito como possibilidade de interpretação. Ao analisar discursos é preciso ter em mente as palavras de Foucault para quem é necessário

[...] não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos e representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2005, p. 55)

Se pensarmos nos signos como práticas que constituem os objetos de que falam então não há mais a hipótese de um discurso neutro, pois cada enunciado seja ele verbal ou não verbal está carregado de (re) formulações, deslocamentos, nuances ao mesmo tempo em que não há um enunciado “independente”, solitário, já que, sob a perspectiva discursiva, há sempre uma remissão a outros discursos. O lugar onde se materializa o discurso também não pode ser negligenciado. Sobre o Youtube pode ser mencionado que foi fundado em 2005 e se tornou um facilitador no que diz respeito à disseminação e circulação de vídeos na internet. Semanticamente, o termo *Tube* é utilizado em relação à televisão.

O Slogan do site “*Tube Yourself*” (algo como “televisione você mesmo”) aponta para um deslocamento no âmbito da disseminação de informações assinalando o poder da palavra como se estivesse nas mãos do receptor em detrimento das mídias oficiais veiculadas pelos meios de comunicação como televisão, jornais, rádios, por exemplo. Este deslocamento possibilita que o recurso de visualização, inclusive, contabilize a repercussão dos vídeos publicamente, em

tempo real. O vídeo analisado conta com quase cinquenta mil visualizações. Vale destacar que cada IP⁵ normalmente conta como uma visualização a não ser que a mesma conta de usuário reveja o mesmo vídeo através de endereços distintos. Dessa forma, apenas a primeira visualização de cada conta será contabilizada e acrescida como visualização (*view*) do Youtube. Significa que dezenas de milhares de pessoas visualizaram pelo menos os 30 primeiros segundos (é o tempo visualizado necessário para que seja contabilizada a visualização). Vale destacar que o vídeo tem 1 minuto e 25 segundos (dos quais analisaremos apenas o primeiro dos três vídeos veiculados), foi hospedado na plataforma por um perfil que tem o nome de *Guia Medianeira*⁶ e está associado a outro site cujo perfil é o de divulgar notícias e pertence à macrorregião de Foz do Iguaçu, no interior do Paraná. Apresentados estes dados, vamos ao vídeo em questão. Trata-se de uma campanha do Detran do Paraná lançada em outubro de 2018 que circulou nos cinemas do estado entre os meses de novembro e dezembro do referido ano.

A campanha se caracteriza pela exibição de cenas fortes visando mostrar as trágicas consequências de dirigir em alta velocidade, embriagado ao volante ou mexendo no celular (que constituem as três principais causas de acidentes no trânsito do Paraná). Na página oficial do governo do estado do Paraná⁷ é mencionado que entre 2015 e 2017 cerca de 4,7 milhões de motoristas sofreram autuação por excesso de velocidade, 30.1699 por usarem celular enquanto dirigiam e 38659 por conduzirem o veículo alcoolizados. No período houve 24 mil mortes no trânsito da região.

Vamos então ao exercício de análise:

5 O *IP* (ou Internet Protocol) constitui uma identificação única para cada computador conectado a uma rede.

6 <http://www.guiamedianeira.com.br/>

7 Site disponível em: <<<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=99358&tit=Detran-lanca-campanha-nos-cinemas-para-prevenir-acidentes>>> Acessado em 02 de novembro de 2019.

Figura 1: Recorte de cena do vídeo analisado



Detran lança campanha nos cinemas para prevenir acidentes

48.999 visualizações

Fonte: Print de tela efetuado pelos autores⁸

O primeiro vídeo, que é o que analisaremos, inicia no cenário de um necrotério com vários corpos lacrados em um plástico (o material com o qual costumam ser envolvidos corpos em uma sala de necropsia). Do fundo do cenário para a frente começam a impulsionar o corpo para levantarem-se – até a altura da cintura - os seguintes personagens: primeiramente, um homem de vestes informais, gordo (o único gordo da sala e o que está com vestes mais informais), com manchas de sangue no lado superior esquerdo do crânio, perto da altura dos cabelos, levanta-se abrindo o plástico. Subsequentemente, atrás de si, outro rapaz, depois um mulher à sua frente vestida de noiva com uma taça de champanhe e, mais a frente, um rapaz com roupa escura procedentes de material similar ou equivalente a couro com faixas amarelas no peito e um capacete de motoqueiro. Ao lado deste último uma mulher, com uma mancha de sangue na roupa na altura do peito, cabelos arrumados e uma criança com capacete. As luzes do lugar estão centradas acima dos corpos dos indivíduos desta sala e o restante do cenário está em meia luz quase na penumbra. Conforme mencionado, alguns deles trazem marcas de acidente no rosto e em outras partes do corpo em alusão ao desastre do

⁸ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Rv8Da_nvDQg&feature=youtu.be>> Acessado em 02 de novembro de 2019.

qual foram vítimas. Como se não tivessem percebido que morreram se sucede o diálogo descrito a seguir⁹:

[Primeiro homem a se levantar parcialmente]: Nossa que pesadelo! (Como se estivesse acordando de um sono ruim)

[Segundo homem, numa mesa de necropsia atrás do primeiro]: Dormindo no volante?!(interjeição em tom de indignação)

[Mulher que levanta parcialmente à frente de ambos]: Não é pesadelo não (o rosto dela está desolado e ela já levanta tendo ciência da morte ocorrida).

[Último homem à frente de todos]: Cê morreu mano (expressão de resignação e voz de leve indignação).

[Primeiro homem]: Peraí, eu tenho frete para entregar! Meus filhos para criar! (com rosto grave gesticulando de nervosismo. Enquanto isso a noiva ou recém casada olha para baixo em sinal de desolação)

[Último homem à frente de todos em tom repreensivo]: Fala isso para elas [apontando para a última mulher e uma menina que estão à sua direita enquanto todos olham para elas também]. Cê pegou no acostamento!

[Neste instante a mulher, preocupada, põe a mão no ombro da filha, que está com um sinal de batida e parte do centro do rosto acima do nariz ensanguentada, quando a filha enuncia]: Mããe!

[Então todos silenciam e uma voz sem rosto enuncia ao final enquanto as luzes do necrotério começam a piscar até que se apaguem de vez]:
Respeite o limite de velocidade. Viva o trânsito com educação e respeito.

Vamos então à caracterização dos elementos do funcionamento discursivo considerando que a campanha se insere em uma rede de efeitos de verdade que produzem sentidos em relação a um efeito de gravidade que caracteriza a questão da morte de pessoas no trânsito do Paraná.

⁹ O vídeo completo pode ser visualizado em Youtube (2019) cuja referência completa consta ao final deste artigo após as considerações finais.

Sobre o **referencial ou campo de emergência** podemos considerar que o funcionamento da aparição do enunciado, que lhe atribui valor de verdade, é construído por meio do discurso de prevenção oficial, pautado na ideia de que o perigo do trânsito está associado a altos níveis de velocidade e, também, atribui uma das causas ao fato de haver indivíduos que dormem ao volante. No âmbito de uma determinada **posição-sujeito** pode ser mencionado que temos a voz oficial do governo do estado do Paraná representado pelo DETRAN regional que garante a credibilidade do enunciado.

Acerca da existência de um **domínio associado** podemos mencionar que no vídeo da campanha analisado há uma atualização de memórias relacionadas a tipos de sujeito: têm-se personagens oriundas de um casamento, um motoboy de uniforme, um motorista cujas vestes acentuam o efeito de “desleixo” como que implicando numa situação de causa e efeito: o mais desleixado é o autor do acidente, que dormiu ao volante e causou tal desastre como se suas roupas confirmassem sua negligência. Também temos igual número de personagens femininas e masculinas: três de cada lado. A ordem de aparição com que cada personagem se levanta da superfície que envolve os corpos é a mesma ordem de fala dos sujeitos na primeira vez que enunciam e, finalmente, tem-se a reafirmação de vidas que simbolizam um início interrompido: a filha é uma criança e os noivos recém-casados, por exemplo. A centralidade de pessoas “responsáveis” no entorno de um sujeito irresponsável, que dorme no volante e ceifa a vida dos demais, acentua-se em relação à diferença de vestuário utilizado já que tanto mãe e filha quanto os recém casados e mesmo o motoboy de uniforme estão com as vestes arrumadas. Dessa forma, há uma alusão direta a forma como se comportam em relação a si, preservando o cuidado das vestimentas ou não, e a forma de fazer parte de um acontecimento de tragédia no trânsito.

Sobre a **existência material** pode ser mencionado que a materialidade enunciativa demonstra, por meio do enredo da narrativa verbal, um sincretismo com a narrativa não verbal reforçada pela materialidade visual (os gestos, as feições, reações e comportamento das luzes do lugar, o cenário que reforça a existência de uma sala de necropsia para onde vão os corpos falecidos, por exemplo).

Constitui-se, assim, uma relação com uma rede de enunciados e discursos formas de representação que estão associadas a práticas distintas, no âmbito do dispositivo midiático, produzindo efeitos de verdade e subjetivações. Como dizer, enunciar, comunicar é afirmar-se, constituir-se como sujeito de determinado discurso podemos mencionar que não somente o verbal produz sentido, mas

a materialidade visual também. É nos gestos, mas também na forma como os personagens da propaganda se portam e reagem à situação apresentada que ocorrem subjetivações.

Se levarmos em consideração a identificação ou a desidentificação dos sujeitos receptores do vídeo em questão atentaremos para o fato de que dificilmente haveria identificação de alguém com o corpo de outra pessoa numa sala de necropsia. Isso porque tal abordagem de apresentação do conteúdo dos enunciados remete também a efeitos de representação e de sentido dos discursos veiculados. Mas não é somente a identificação que produz formas de subjetivação: há uma relação de causa e efeito que está sendo corroborada e um enunciado explícito sendo reforçado de que caso o expectador negligencie o risco de dirigir distraído ou com alguma forma de cansaço que resulte em uma distração isso pode gerar a perda de vidas, não somente de outras pessoas, mas de quem dirige também. O historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr. foi elucidativo quanto a esta questão ao afirmar que:

Dizer, falar, enunciar, escrever, comunicar, mais do que afirmar, é afirmar-se, é constituir-se sujeito da afirmação. Para o filósofo Michel Foucault o ato discursivo, assim como qualquer outra prática humana, era dotado de positividade, no sentido de que, como um gesto, interferia concretamente no bulício do real, era um acontecimento, era produtivo, recortava objetos, conformava ações, estabelecia relações, constituía sujeitos e subjetividades. Assim como as relações de poder eram positivas, visto que não apenas impediam, negavam, proibiam, reprimiam, mas também incitavam, excitavam, requeriam, agenciavam, convocavam, tramavam ações e reações, os discursos também eram dotados de positividade, pois não apenas copiavam, expressavam, decalcavam, diziam, revelavam, desvelavam, interpretavam as coisas, o mundo, os homens, mas, principalmente, instituíam, inventavam, faziam emergir, conformavam, recortavam, davam visibilidade e dizibilidade a dados objetos, a dados sujeitos, àquilo que chamamos de realidade. O dizer é positivo na medida em que ele constitui a superfície do mundo humano, aquele mundo que nos é dado a ver, a ler e a enunciar, em um dado momento histórico e em um dado espaço social (ALBUQUERQUE JR., 2014, p. 5).

Dessa forma, foucaultianamente podemos afirmar que o discurso produzido e reforçado através do vídeo analisado mostra que o poder¹⁰ não existe apenas para reprimir corpos e sujeitos, mas para produzir reações. Tal vídeo se encontra no limiar entre a advertência e a conscientização e o segundo elemento depende de cada indivíduo para repercutir em ações efetivas coletivamente. Interessante pensar que o convívio em sociedade e uma administração ética da própria vida perpassa não somente uma relação com os demais: o governo de si e o governo dos outros são instâncias que se interconectam no seio da vida comum. Para cuidar dos outros é preciso cuidar de si, para não dirigir desgastado, cansado, bêbado ou distraído. É um exemplo de como o cuidado de si implica no cuidado do outro, em como não se trata de elementos dissociáveis ou desconectados um do outro.

Considerações finais

Analisar discursos é uma tarefa que parte do nível de existência das palavras e é necessário abandonar o impulso habitual conteudista de buscar uma explicação única e inequívoca para o objeto analisado. Por isso, é preciso desconfiar do óbvio e das naturalizações impostas porque ali onde parece residir a obviedade é que se deve praticar a insistência, a desconfiança.

Dessa forma, teórico-analiticamente é possível utilizar proposições foucaultianas no âmbito do estudo dos discursos que estão relacionados a práticas e à produção de formas de subjetivação. Diante disso o que buscamos fazer neste artigo foi apresentar não a esgotabilidade das relações entre enunciados, mas o assinalamento da compreensão de enunciados que se inter-relacionam e produzem sentidos.

Se as relações de saber e poder se implicam mutuamente os textos não são neutros e, dessa forma, a visibilidade, a existência de formas de produção de sentidos, as institucionalizações e vozes que adentram e se enovelam discursivamente constituem práticas sociais atreladas à relações de poder que

¹⁰ Poder não é visto em Foucault como algo que opera de cima para baixo ou que alguém detém e exerce sobre os outros. Nos estudos foucaultianos costuma ser afirmado que o poder funciona como um feixe de relações que atravessa os sujeitos como um todo na sociedade. Para mais informações e aprofundamentos recomenda-se a consulta do verbete Poder no Dicionário Foucault, organizado pelo argentino Edgardo Castro (2009).

se atualizam, (re)formulam, implicando no movimento de aparição de outros enunciados e nos efeitos de verdade produzidos. Por isso ao mesmo tempo em que se afirma que o poder produz corpos, ele também incita a reações. Outrossim, o espaço digital *Youtube.com* é o campo e, ao mesmo tempo, objeto de nossas análises a partir de uma especificidade, relacionando-nos discursivamente com efeitos de discursivização acerca da prevenção de acidentes no trânsito a partir de uma escolha léxico-imagética que implica em regularidades, singularidades e exclusões no que diz respeito à instauração de modos de enunciar sobre óbitos no trânsito na contemporaneidade.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o Contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Prefácio. Diz positivo: entre o castor e a aranha. FERNANDES JR., Antonio; SOUSA, Kátia Menezes de (Orgs.). **Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade.** Goiânia: Gráfica UFG, 2014, p. 5-9.

CASTRO, Edgardo. **Dicionário Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores.** Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 7. ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2007.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault explica seu último livro. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 145-52. (Ditos e escritos, 2).

GREGOLIN, Maria do Rosário. Michel Foucault: uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade. In: FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kalavillil (Orgs.). **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso.** Campinas: Pontes, 2016, p. 115-142.

LECHTE, John. **Cinquenta pensadores contemporâneos essenciais**: do estruturalismo à pós-modernidade. Tradução Fábio Fernandes. Rio de Janeiro: DIEL, 2002.

PORTAL DO TRÂNSITO. Disponível em: <<<https://portaldotransito.com.br/topicos/estatisticas/>>> Acessado em: 01 de novembro de 2019.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005.

YOUTUBE. **Detran lança campanha nos cinemas para prevenir acidentes**. Disponível em: << https://www.youtube.com/watch?v=Rv8Da_nvDQg&feature=youtu.be>> Acessado em 05 de novembro de 2019.

O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade de seus autores.